

A Russia Feliz

Sou avesso, por indole, a citações, preferindo a erudições mais ou menos espectaculosas, dizer com toda a simplicidade o que penso. Existem mesmo certas citações, que chegam a confranger-me, aquellas pelas quaes fazemos importação do pensamento francês. E não é que eu não saiba apreciar o que os francezes teem de bom, que muito é, mas de tal forma temos abusado dessa importação, tão insufficientemente temos fiscalizado as barreiras do nosso espirito e mentalidade quanto á entrada de productos intellectuaes de origem franceza, que não poucos males lhes devemos na philosophia, na politica e . . . noutros dominios. O nosso espirito de imitação tem ido ao ponto de os proprios francezes manifestarem considerar-nos uma colonia intellectual sua, o que me parece deveras aviltante para uma nação que, como a nossa, se affirmou sempre, através da historia, dotada de uma individualidade inconfundivel, mais ainda, á qual a civilização tanto deve justamente nas esferas do pensamento, da qual a propria França não pouco teve que apprender.

Mas o portuguez apresenta effectivamente, bastantes vezes, este lado fraco: acolhendo com sympathia a innovação, sensivel ao progresso, mas pouco disposto, pelo seu temperamento meridional, a dispendir energia, em vez de pensar por si e para si, é-lhe mais agradavel olhar para o que os outros fazem, attender ao que os outros pensam e simplesmente imita-los, desnaturando assim pouco a pouco e inconscientemente a propria physionomia.

Ora ha certamente muito que apprender dos estranhos, mas nem tudo o que vae bem a uns convem a outros. Os japoneses, dotados de um senso pratico extraordinario, forçados a europeizar-se, teem-nos dado um grande exemplo a este respeito. Teem introduzido no seu paiz muito do que existe

nas sociedades de civilização europeia, procedendo, porém, a um trabalho prévio de escolha e adaptação, em que teem revelado qualidades superiores. E' mesmo nestas qualidades que reside o seu forte. O Japão de hoje não é o Japão de ha sessenta annos no sentido dos progressos materiaes. A sciencia e a industria modernas ha muito crearam no seu instavel archipelago fundas raizes, desenvolvendo-se a ponto de produzir dos mais bellos fructos de gosto europeu, mas enganar-se-hia quem imaginasse pertencer hoje o Japão ao typo europeu de nações. O Japão dos nossos dias continua a ser, como criação nacional, isto é, sob o ponto de vista do seu espirito e character, o Japão antigo. Vestiu-se á maneira da Europa, de preferencia á moda alemã e manifestando forte sympathia pela moda inglesa, mas por dentro ficou sempre japonês, recolhido dentro dos seus principios tradicionaes, como uma tartaruga dentro da sua casca, a venerar os deuses do lar e a instituição imperial, de todo o tempo espinha dorsal do imperio e bem mais forte esta do que a de algumas nações europeias, que, por demasiado fragil, se desconjuncta e quebra ao mais ligeiro sopro da discordia...

Mas perdoae-me esta longa divagação, quando me proponho tratar assumpto tão differente, como é dizer alguma coisa acerca da Russia Feliz. E' que tenho de começar por uma citação embora de pouca monta, e justamente uma citação francesa! A idea, contida nessa citação existe, é claro, em toda a parte e eu poderia exprimi-la em português vernaculo, mas cabe aos franceses a honra de a haverem formulado de maneira tão suggestiva, que se impõe: «Plus ça change, plus ça c'est la même chose».

E' effectivamente com esta phrase consagrada, que devo começar tudo quanto disser a respeito da Russia. Representa ella como que a enunciação do theorema, a que o estudo dos acontecimentos e circumstancias daquelle paiz conduz, e que passo a demonstrar.



Quando se trata de apreciar o modo de ser de um determinado povo, pouco importam os detalhes em si mesmos. E' especialmente a essencia das coisas que devemos apprehender. E' o que procuro fazer ao occupar-me da Russia. Deu-se naquelle paiz um acontecimento, que echoou por todo o orbe como o ribombar de uma trovoadá distante e, durante largo tempo, se

tem apresentado aos olhos ansiosos e perscrutadores, que de todos os cantos do globo se voltam para a Europa extremo-oriental, o vermelho terrificante de labaredas e sangue.

O que se passa? E' a liberdade que triumpha sobre o despotismo dos Cesares? Trata-se da implantação do paraizo terrestre annunciada com tão tragica imponencia?

Quem, antes da Grande Guerra, tivesse dedicado um pouco de attenção á Russia e conhecido as suas peculiares condições de existencia, psychologicas, economicas, politicas etc., não se admiraria de encontrar alli um regimen de vida collectiva muito differente do que existe nos povos da Europa central e occidental. Alli, uma longa tradição de despotismo, exercido sobre um povo, cuja indole mystica e contemplativa não só o permittia mas reclamava, dar-lhe-hia a chave da comprehensão de tudo quanto visse. A preponderancia de uma certa classe, relativamente pouco numerosa, sobre a grande massa dos «mujiks», ainda numa phase de desenvolvimento mental muito atrasada, era assim um phenomeno normal, uma manifestação de equilibrio na dynamica social do paiz. De um lado o escol das pessoas illustradas, a classe dirigente, do outro lado a multidão passiva dos que mais não podiam ser que governados.

Não o entenderam, porém, assim alguns espiritos, que, embebedos de generoso idealismo, se impuzeram a tarefa de semear no seio da sociedade russa, velado por sedutoras doutrinas sociaes, o germen da revolta. São Nekrassof, Dostoievsky, Tolstoi, Gorky, Saltykof, rasgando novos horizontes ao pensamento; Gerzen, Ryleief, Krapotkine, Bakunine e mais tarde Plekhanof, Mikaelovsky e Lenine, cultivando especialmente o campo social. Elles estão, em certo modo, para a Revolução Russa, como os encyclopedistas para a Revolução Francesa.

Assim alastrava o incendio revolucionario ao sopro do vento forte das ideas libertarias e, consequentemente, uma energica reacção se produzia por parte dos elementos detentores do poder, embora em concomitancia com certas concessões, entre as quaes a constituição da «Duma» foi a principal. Tratava-se de um phenomeno bem natural. Datam de então as medidas de repressão, taes como a clausura perpetua, a deportação para as steppes siberianas, que accordaram por esse mundo fóra um echo lugubre.

Mas a classe dirigente, qual velho roble, que se sustenta ainda em toda a sua soberba magestade, mas se encontra profundamente corroído pela acção de innumeros agentes destructores, achava-se ferida de morte e

bastaria que um dia um impulso mais violento lhe fosse applicado para ruir estrondosamente. A queda esteve prestes a dar-se por occasião da guerra russo-japonesa, mas só foi possível com a grande convulsão da guerra mundial. O carvalho secular que João, o Terrível, desenvolvera e Pedro, o Grande, robustecera, cahia, enfim, por terra, aballando, ao desenraizar-se, esse vasto chão de Todas as Russias e fazendo sentir o fragôr da derrocada, em longa repercussão, por toda a parte.

Assiste-se, então, ao espectáculo da substituição do velho tronco por aquelles, bem poucos num paiz de quasi duzentos milhões de habitantes, que o prostraram, os quaes occupam tão fielmente o lugar d'elle, que todo a despotismo de que accusavam o regimen tzarista nelles se integrou!

E' que, na verdade, não são tanto os homens que teem poder sobre as circumstancias praticas da vida, como estas sobre elles. O regimen imperial russo estava condemnado por corrupto e, por isso, baqueou, mas, não se encontrando a grande massa popular preparada para outro, succedeu o que não podia deixar de succeder, isto é, que apenas os personagens da scena politica mudaram, no que se refere á classe dirigente, continuando tudo o mais essencialmente na mesma, isto é, fallando uma linguagem mais technica, continuando as relações entre governantes e governados no mesmo grau dynamic.

E' verdade que se distribuiram pelos «mujiks» os vastos dominios, que antes se encontravam concentrados nas mãos dos grandes senhores, mas a sua propriedade passou apenas das mãos destes para as do Estado. De propriedade collectiva não existe senão o antigo «mir». Alem disso, continua a manter-se a propriedade privada, transmissivel até por successão. E o proprio capital impera soberanamente não só em poder do Estado, mas do individuo.

E' verdade que a operarios e camponeses foi em mais larga escala reconhecido o direito de voto, mas essa regalia não deixa de ser a mystificação, em que tal direito necessariamente degenera, quando concedido a quem d'elle não pode fazer uso consciante. De resto, já no campo eleitoral foram adoptadas medidas restrictivas, que mais approximam ainda a situação actual da antiga.

A propria instituição basilar, que se denomina «soviete» não é praticamente uma coisa nova. A velha «obtchina» ou «obtchestvo» ultimamente restabelecida, é um conselho local, com attribuições de administração economica do «mir». Ao «soviete» foram attribuidas funcções po-

liticas, mas de facto, são estas attribuições muito illusorias, visto que toda a sua acção tem de obedecer aos dictames de Moscou.

Vê-se, pois, que, tendo as condições sociaes russas permanecido as mesmas, são as suas actuaes instituições intrinsecamente, sociologicamente, eguaes ás antigas. A Russia continua a ser governada pelo despotismo, havendo os bolchevistas ido na centralisação muito mais além que os seus predecessores, visto haverem procurado concentrar em si toda a iniciativa economica, num regimen de capitalismo de Estado, sob a forma de «trust», cujos inconvenientes, pelo muito que se tem feito sentir, os tem conduzido já a uma politica de concessões, que progressivamente se irá accentuando e que não pode deixar de ser olhada como uma capitulação dos principios perante os factos.

E o regimen despotico continuará, por força das coisas, enquanto o povo russo não adquirir a consciencia necessaria para poder comprehender os seus deveres e direitos relativamente ao Estado, a justa coordenação de uns e outros, que é afinal a quinta-essencia do phenomeno politico. Que, deve notar-se, não é, creio eu, á luz do criterio europeu que deve apreciar-se a vida russa. «A Russia não é mais europeia hoje que ha duzentos annos... Esta Russia que é e parece dever continuar a ser uma coisa áparte, que, entrando em contacto com a orbita dos grandes interesses europeus, parece seguir o seu movimento proprio e obedecer a uma lei de desenvolvimento particular; que, inspirando-se na cultura occidental, não se mostra disposta a deixar-se absorver por ella...»¹

Longe, pois, de ser um mal, é o regimen despotico na Russia a unica forma de melhor dar á actividade daquella nação uma directriz consoante os seus interesses e grau de desenvolvimento.

Verifica-se, desta maneira, mais uma vez, que as revoluções são não só improrricuas, mas prejudiciaes: improficuas, porque não conseguem por si modificar as condições de existencia social; prejudiciaes, porque, pela convulsão em que se traduzem, geram difficuldades de toda a ordem, que longamente se repercutem no seio das sociedades, que, por infelicidade, dellas são theatro.

¹ Estas palavras escriptas por K. Waliszewski no seu livro «Le Roman d'une Impératrice», publicado em Paris em 1893. são de toda a actualidade.



Ora, se as coisas são assim, como deixo dito, relativamente á politica interna da Russia, o mesmo principio se deve formular a respeito da sua politica internacional. E' ainda o antigo pensamento de expansão que a domina e inspira. D'antes chamava-se a esta politica imperialismo russo. Hoje deveria chamar-se-lhe imperialismo bolchevista. Enorme deposito de materias primas e relativamente atrasada, sob o ponto de vista industrial, tinha a Russia necessidade de contrabalançar as suas compras com uma larga exportação dos seus productos e, assim, se alargou em busca de accesso aos mares, caminho livre para as nações se porem em contacto umas com outras. Dirigindo-se para o sul, chegou até ao Mar Negro; no extremo-orientе attingiu os contins da Siberia e as costas do Mar do Japão, onde encontrou a objecção armada do imperialismo japonês; ao norte, assenhoreou-se da Finlândia e das chamadas Provincias Balticas. E' claro que a este movimento de expansão não eram estranhas razões de pura ambição de dominio, as unicas mesmo que explicam a sua participação na partilha da Polonia.

Existindo hoje as mesmas causas que então, natural é que se verifiquem as mesmas consequencias. Não poderia, porém, hoje a Russia emprender uma guerra de conquista, pois que, havendo sido reconhecida pelo Tratado de Versailles a independencia das nações, que della se destacaram, não lh'o consentiriam as grandes potencias vencedoras, mas, por isso mesmo, se abstem apparentemente de tal empresa o governo de Moscou.

Effectivamente, não é o governo bolchevista quem tem dado que fallar de si nas tentativas para bolchevisar os Estados vizinhos e na propaganda revolucionaria feita em todo o mundo. Esse governo pretende ter bastante em que occupar-se na direcção superior da Republica Federativa dos Sovietes, mas existe uma entidade, a 3.^a Internacional, que é, por assim dizer, seu agente officioso, a qual, espalhando pelos differentes paizes os seus enviados, trabalha incessantemente em prol do que julga concorrer para a estabilidade, no governo, dos homens, que delle conseguiram apoderar-se. Invoca naturalmente o proposito de dilatar as vantagens aos outros povos, campo do capitalismo, onde, como se diz na «declaração» com que abre a «Constituição» soviética «imperam o odio entre nações, a desigualdade, a escura-

vidão colonial, o chauvinismo, a oppressão das nacionalidades e as insurreições, as atrocidades imperialistas e as guerras», em contraposição com o que succede na Russia, campo de socialismo, onde existem «a confiança mutua e a paz, a liberdade e a egualdade das nações, a co-existencia e a collaboração fraternal dos povos».

Tal não passa, porém, de um pretexto, pois bem sabe a 3.^a Internacional, o que lhe vac por casa. O que realmente ella pretende é que por toda a parte se estabeleça a dictadura do proletariado, isto é, a supressão dos governos burguezes, seus naturaes inimigos e, consequentemente obter maiores garantias de estabilidade pessoal, não das instituições, de cuja inviabilidade ella mesmo está convencida.

Assim, provoca frustradamente a bolchevização da Hungria, da Polonia, da Finlândia e das Republicas Balticas, a agitação da Alemanha e da Italia; promove as revoluções triumphantes da Georgia, da Armenia e do Azerbeijan, incorporando estas republicas na federação — a formula bolchevista da anexação —; prosegue com exito na bolchevização da China, que offerece terreno fertil a essa cultura e, lançando mão da poderosa alavanca do nacionalismo, procura erguer aquella nação assim como a India, Marrocos e, de forma geral, todas as nações de qualquer modo dependentes das potencias europeias, contra os seus oppressores. Procura desta fórma ferir, de preferencia, a Inglaterra, a quem se atreve a atacar no proprio ninho insular, onde desenvolve, incansavel, uma tenaz propaganda.

Que attitude convem aos Estados ameaçados tomar?

Não sou da opinião daquelles que pensam deverem esses Estados intervir na Russia. Tal opinião traduz, a meu ver, apenas um modo superficial de encarar a situação. Intervir para quê? Para destruir o communismo? Mas elle não existe, não passando as instituições bolchevistas de uma organização republicana especial que, pretendendo ser democratica ao maximo, se traduz, de facto, num systema ultra-aristocratico, a que só os bolchevistas teem accesso. Para desbancar os magnates, que tyrannizam a Russia? Depostos elles, viriam outros occupar o seu logar, retomando os seus processos, visto que, na verdade, é o regimen autocratico, por ora, o unico viavel naquella paiz. Para impedir os excessos e violencias, varrer a athmosfera de terrorismo, que offende a consciencia dos povos civilizados? Seria ingenuidade. Tudo isso existia já nos tempos tsaristas embora em menor escala.

De resto, as fracassadas contra-revoluções dirigidas por Karnilof, Deni-

kine, Wrangel, Mamontof, Petliura, Machno, ou, pelo menos algumas dellas, não foram senão uma fôrma dessa intervenção. O «mujik» na sua generalidade não reage. Tem o que tinha antes, talvez mesmo mais alguma coisa e, sobretudo, submete-se instintivamente.

Não, positivamente, não ha que intervir na Russia, que, apesar de tudo, vae pouco a pouco reentrando na sua vida normal e occupando de novo o seu papel de celeiro internacional, deposito de fartas e ricas materias primas.

O que se torna necessario e é isso que deve inspirar a attitude das diversas nações de civilisação europeia é evitar a acção desmoralisadora e dissolvente que nellas pretendem exercer os agentes da Internacional, já desenvolvendo cada uma dentro das suas fronteiras o policiamento necessario, já combinando entre si uma acção conjuncta. De contrario, terão, não a organização russa, que julgo intransplantavel para essas nações, por indole tão differentes da Russia, mas pura anarchia e desordem.

O problema apresentou-se com toda a clareza ao altissimo espirito de Mussolini, que sem hesitações, que enfraquecem, nem condescendencias que compromettem, enveredou pelo justo caminho da ordem e da consolidação das instituições tradicionaes, trazendo não só á grande Italia de Victor Manuel, Cavour e Garibaldi, dias de prosperidade, que já estão chegando, mas a todo o mundo latino a esperança fundada de resurgimento. Oxalá seja, como creio firmemente, proveitoso o seu exemplo.

Quanto á acção combinada das differentes nações, pouco ha a registrar de positivo. As nações limitrophes da Russia teem comprehendido as vantagens de se unirem contra o perigo sovietico. Assim a Polonia alliou-se defensivamente com a Rumenia, procurando, além disso, já ha alguns annos, um entendimento com as Republicas do Baltico (as antigas provincias balticas) e com a Finlandia, para o mesmo effeito. Os seus plenipotenciarios teem-se reunido por diversas vezes, sem que, entretanto tenham chegado até agora a resultados concretos. Varias difficuldades veladas discretamente pelo «manto diaphano» da diplomacia o teem impedido. Unidos, porém, pelo mesmo interesse de defeza, claro é que não deixam de preparar-se em vista desse mesmo interesse.

E' de notar que a Russia convidou as nações, a que nos referimos, para uma conferencia internacional, que se realizou em Moscou, em dezembro de 1922, e que visava á redução reciproca dos armamentos e ao emprego de meios pacificos — diplomaticos e arbitraes — para a solução dos conflictos entre os Estados contractantes. Esta conferencia não

produziu resultados praticos, pois que os Estados convidados comprehenderam muito bem a situação precaria, em que se collocariam perante a Russia, que pode pôr em pé de guerra um exercito numeroso, disciplinado, instruido, e bem municiado, e adaptar com a maior facilidade ás necessidades da guerra a sua industria tão rica de materiaes.

Eis nos seus traços geraes, o que me parece poder dizer-se acerca da Russia, considerada quer na sua vida interior, quer na sua actividade internacional. Como se vê, as coisas passam-se essencialmente como antes da Revolução. E' que, apesar de tudo, não deixou a Russia de ser a Russia, isto é, de continuar a encontrar-se nas mesmas circumstancias, pelo que diz respeito ao desenvolvimento mental dos seus habitantes e ás necessidades da sua vida economica.

E ahi está porque, ao iniciar este artigo me occorreu citar, apesar de ser por indole avesso a citações e mormente a citações francesas, o aphorismo «Plus ça change, plus ça c'est la même chose».

Lisboa, 1925.

CESAR DE SOUSA MENDES